

Written By Marlene Kadar  
Translated by  
Sergio da Silva Barcellos

## Cultivando a credulidade

### Parte 1

#### Impurezas

Procuro por uma forma menos oscilante de habitar um corpo adoentado em um mundo são. Eu tenho uma lanterna vermelha, velha, que costumava usar no passado quando feridas não cicatrizavam e eu não podia ver o todo, somente as partes.

Atualmente, o futuro não está claro para mim. Eu quase não sei mais como falar sobre ele.

Minhas palavras fugiram para algum éter que flutua dentro e em torno de células desertoras e eu não consigo trazê-las de volta, intactas.

Seus contornos foram alterados; seu apego ao bom pensamento e à generosidade recuou; seus trajés foram guardados em um baú de esperanças junto com outros advérbios.

Lá repousa a alma de minha mãe, torturada, estendida como os lençóis da noiva. Roubou sua própria consciência e fugiu para um universo inferior onde a memória é modificada; onde máquinas de matar são lubrificadas no porão e poções são disfarçadas por trapaceiros vestindo jalecos brancos e que se dizem curandeiros. Às vezes, o serviço é realizado de cima e pacientes com deficiências de visão são imprensados contra colunas por musas ciumentas. Impelidos para o telhado. Empurrados abaixo para suas mortes. Essa história é chocante, mas foi contada com convicção.

Quem, então, cuidará dessa pobre mulher que, em seu momento mais persuasivo, pode expressar com brio e imaginação excessiva o nível ao qual desgosta de seu primogênito?

Triste e solitária, ela fala adiante e se lembra em retrocesso, mas não consegue que as duas direções se encontrem no que está ali. Se hoje não se realiza, por que esperar, ela pensa.

Seria mais fácil restringir o foco do feixe em alguma ideia já pronta sobre profundidade. Eu ouvi coisas tais como: (Incurável) câncer me fortaleceu; ou, a leucemia é minha professora; ou, a enxaqueca ilumina as falhas psíquicas superficiais. Eu pertencerei ao mundo dos são novamente, em breve ou no próximo ano, ou talvez no ano seguinte.

Todos esses sujeitos em uma única história são quase demais para mim. Se pudermos nos encontrar antes que anoiteça, poderemos compartilhar um sofá no andar principal onde aqueles dentre nós que ainda restam se escondem em plena vista, onde o adoentado faz de

conta que é normal, esperançoso e são. Talvez então eu não terei que pensar mais sobre essas coisas.

## Parte 2

### A vibração dos limites

Quando se tem muito dinheiro fica fácil manter ilusões acerca dos outros e de nós mesmo. Quando se esbanja boa saúde, é bem provável que façamos o mesmo.

Às vezes nos apoiamos em muletas que parecem macular o limpo modelo médico da medicina social no Canadá, um sistema de saúde que inclui opióides para aqueles que se comportam com normalidade, ocultando sua angústia. Aqueles dentre nós, afortunados o bastante para desenvolver vícios em vez de riqueza excessiva ou doenças terminais, imaginamos uma plácida ilusão de controle sobre nossas vidas. Eu teria preferido um vício, ou mesmo riqueza, mas a mim me coube a parte da doença.

Assim, posso me juntar à multidão e reclamar sobre as falhas e os defeitos do viciado: o custo social da prisão, hospitalização, seguro trabalhista. Pior ainda aqueles que não creem que têm vícios e possuem o mesmo anseio psíquico: alimentar a ilusão de que são saudáveis ou mais ajustados do que aqueles a quem chamamos viciados, ou mesmo tão bem ajustados, nós não contraímos câncer. Não, eu não uso muletas. Eu ganho dinheiro; eu sou saudável. Eu acumulei experiência. Tudo bem que eu não diga mais isso.

Com o nosso semblante mais justo nós protestamos contra a terrível autodestruição praticada pelo viciado. Esse fato de que a vida social pode criar algum tipo de náusea ou dor de cabeça social assim como aquela que Joan Didion descreve quando ela é acometida por uma enxaqueca.<sup>1</sup>

Temos que expurgar o vício para fora de nossa vizinhança. Precisamos limpar os parques. Precisamos prender os vadios que dormem nas calçadas. Senão, como poderemos caminhar na via pública aqui, ou mesmo lá onde a neve está caindo na frente do teatro? Ou na minha volta para casa hoje à noite?

Em silêncio, na quietude na qual pouco podemos fazer além de pensar, tanto a luta quanto o martírio se evaporam. Ao amanhecer, ainda não se sabe o que é falso e o que é verdadeiro.

Então isso é o que Frank Seeburger (Universidade de Denver) disse: “pensar é uma prática sabática, o fruto do descanso, não de uma persistência. Começa apenas depois de nos

---

<sup>1</sup> “In Bed.” Publicado em *The White Album*. NY: Farrar, Strauss and Giroux, 1979. Retirado da versão baixada.

tornarmos livres para voltar para casa, para um lugar... de serenidade em vez de persistir”. A única coisa boa de estar realmente doente é que você pode facilmente continuar a ser persistente. (Mas isso não quer dizer que você vai pensar mais: é bem possível que signifique que sente demais). “Realmente,” continua o filósofo, “fazer uma pergunta é desistir da ilusão de que já se sabe a resposta, e desistir desse sentimento de controle proveniente de tal ilusão. É, por outro lado, se tornar aberto para o aprendizado, pronto para ser ensinado – já em curso.”<sup>2</sup>

### Parte 3

#### A mulher que se parecia com Zsa Zsa Gabor<sup>3</sup>

Ok, eu penso nisso frequentemente, essa ideia de que eu abriguei essa ilusão de já saber a resposta quando, claro, eu não poderia saber. Mas foi uma mulher cuja voz soava como a de minha avó quem me transformou. Desde que eu li a história sobre uma inerte, ou talvez apenas silenciosa mulher que foi transportada em 16 de Maio de 1944 de Pécs – ou talvez fosse Pest - e que, talvez uma das poucas tatuadas,<sup>4</sup> trabalhou no destacamento Kanada Kommando em Auschwitz-Birkenau. Ela contou a história do dia 7 de outubro a respeito do levante fracassado. Ela falava como Zsa Zsa Gabor.<sup>5</sup> Ela testemunhou toda a tragédia e sobreviveu para contar a história. O entrevistador a ouviu com atenção, assim como você teria ouvido.

O entrevistador não estava sozinho. Historiadores colegas de Yale, uma mesa de discussão acadêmica foi formada para farejar histórias reais, algo que pudesse realmente ser provado. Eles precisavam de um verdadeiro catálogo de eventos. Nós vamos incluir a história dessa pessoa à nossa coleção, eles devem ter sonhado, e então nós poderemos documentá-la, eles podem ter avaliado. Nós podemos ainda ampliar a foto, convencer o patrão. Mas o entrevistador, esse historiador sobre quem eu falo apenas superficialmente, fora deportado de seu lar, em Czernowitz, Romênia, ainda jovem e 1942: não que isso importe, ou talvez isso importou?

Eu me pergunto: talvez Zsa Zsa Gabor tivesse 67 anos mais ou menos quando isso tudo começou a pegar fogo. Ela declarou: que cena quando as quatro chaminés explodiram, escombros por toda a parte, prisioneiros correndo, guardas atirando, amigos se queimando. Mas eu, ela disse, eu não podia correr; eu estava tão ocupada separando roupas

---

<sup>2</sup> Frank Seeburger, <http://traumaandphilosophy.wordpress.com/> blog.

<sup>3</sup> Há tantas mulheres que se parecem com Zsa Zsa Gabor, algumas cujos nomes não saberemos, e algumas que encontraram algum repouso no Canadá depois da guerra.

<sup>4</sup> Fazer uma tatuagem pode ser um bom sinal nos campos. Se eu estivesse para ser assassinada ao chegar em Auschwitz-Birkenau, eu não seria escolhida para receber uma tatuagem. Assim, a pessoa tatuada sobreviveu para além da chegada no campo de concentração.

<sup>5</sup> Embora eu não tenha um corpo físico em mente quando eu me refiro à pessoa de Zsa Zsa Gabor, eu tenho, no entanto, duas pessoas em mente: Ibolya Szalai Grossman, *An Ordinary Woman in Extraordinary Times*. Toronto: Multicultural History Society of Ontario: 1990 e com seu filho, Andy Réti, *Stronger Together*. Toronto: Azrieli Foundation, 2016. Também, Elisabeth M. Raad, *And Peace Never Came*. Waterloo: WLUP, 1997.

e jóias depois de meus compatriotas terem sido removidos. Eu não era uma mártir; eu não ajudei a pegar pólvora como as outras mulheres. Você deve se lembrar que uma das irmãs Wajcblum não foi enforcada em 5 de janeiro de 1945: Hana Wajcblum. Ela morreu em Ottawa em 2011, com o nome de Anna Heilman.<sup>6</sup> (Ocasionalmente, ela utilizou outros nomes, como Hanka ou Chana Weissman, ou Weissblum).<sup>7</sup> Ela teve um bom trabalho, também, o que ela chamava de “Kommando de merda”.<sup>8</sup>

A triagem era um bom emprego. Os filhos de outras pessoas renunciaram a seus solidéus de seda e aos seus véus e grampos: os adultos, eles usavam seda. Suas sedas estavam puídas mas tinham bainhas. Eu encontrei rubis e laços na bainha de um tafetá vermelho, ela disse.

Eu roubei coisas de malas para os meus companheiros. Eu salvei vidas, sim, eu salvei. Sim, quatro chaminés explodiram; e isso foi um acontecimento nesse dia. Irina foi punida por roubar, no pátio do Bloco 11, onde os postes de enforcamento foram fincados em um cimento tão morno ao ponto de poder se aplicado em pleno dezembro, na Polônia. Anna assistiu. Houve dois espetáculos: um para o turno do dia; outro para o da noite.<sup>9</sup>

Talvez *S.S. Augseherin* Alice Orlowski tenha feito, mas de qualquer maneira ela morreu em 1976. Alice trabalhava duro. Ela odiava os Judeus, desprezava os Ciganos, conforme o exigido. Dizem que ela se humanizou em janeiro de 1945. Mas dizem isso sobre Hermine Braunsteiner, também, essa que eu conheci muito bem.

A mulher que testemunhou contra Alice trabalhara no Kanada Kommando. Ela se modificava a medida em que revivia o dia. Mas ela não poderia modificar a memória de como isso foi sentido. Em sua forma suave, ela recusou o mandato para sua morte. E não importava que nós não estivéssemos lá para ouvi-la.

---

<sup>6</sup> Heilman, Anna, lutou na Resistência dos Judeus (1 de dezembro de 1928 – 1 de maio de 2011) Anna Heilman morreu em paz em Ottawa, Canada, no dia 1 de maio de 2011 depois de um curto período de doença. Nascida na Varsóvia, Polônia, Anna participou do Levante do Gueto de Varsóvia, em 1943 e, como prisioneira de Auschwitz, ajudou a contrabandear pólvora com sua irmã mais velha, Ester, para o levante de outubro de 1944 no Sonderkommando. Anna perdeu sua mãe, Rebecca, e seu pai, Jacob, ambos assassinados no campo de concentração de Majdanek (1943); perdeu também sua irmã, Ester, executada como combatente da Resistência dos Judeus em Auschwitz (1945); perdeu também sua irmã mais velha, Sabine (1995); e seu marido de 58 anos, Joshua Heilman (2205).

<sup>7</sup> Conf. “Witness statement from Marta Bindiger Cige”, 19 de novembro de 1945, por Susan Katz. Biblioteca e Arquivo do Canadá, R 11520. Diário de Anna Wajcblum Heilman. Pasta 1-2. Marta trabalho no Kommando Weisskopfche (Whitehead) – na sala de triagem, p.1.

<sup>8</sup> R 11520, vol 2 Pasta 2-23. Publicações e artigos.

<sup>9</sup> “Witness Statement from Marta Bindiger Cige”, p.4.

Dori Laub não transpôs o vazio entre aquilo que a mulher da triagem sabia e aquilo que ela não sabia, não poderia saber (“Bearing Witness...”, 61).<sup>10</sup> Ele disse: como isso poderia ter sido diferente? Como é que eu sei o que eu sei? Apenas ela esteve lá para testemunhar a explosão. E deve ter parecido ser mesmo quatro chaminés. Seria melhor se tivesse sido quatro e não somente uma, não é?

Para ela, havia quatro chaminés. Essa é a verdade e o limite do conhecimento da mulher, a verdade oblíqua. A mulher ofereceu aos entrevistadores de Yale uma história parecida – como é que era mesmo estar entre os outros durante a explosão, não tudo o que “realmente” aconteceu. Os historiadores descartaram a versão dela da história por ser imprecisa, porque o que eles sabem da história através dos livros é que apenas o Crematório IV explodiu, pelas mãos hábeis dos prisioneiros, homens e mulheres, depois do que os bravos foram torturados, enforcados, fuzilados no pátio arborizado do Bloco 11. Bombas rudimentares, eles disseram.

Nós somos escrupulosos, mas raramente precisos, nem os sobreviventes que se lembraram de que havia sido apenas uma chaminé ou as testemunhas que se lembraram de quatro. Nem mesmo Dori Laub, cujos limites de conhecimento oscilaram para poder contar uma verdade diferente. Os historiadores devem furtar-se à memória das quatro chaminés. Os historiadores tinham outros interesses. Eles queriam a verdade; eles não queriam saber como uma mulher pôde destruir o arcabouço da memória da rebelião. Eles tinham que finalizar o negócio e apagar a história dela da lista das histórias verdadeiras.

Entre os mundos dos sãos e dos adoentados encontra-se a mesma e irrevogável lacuna na qual a história vive e respira com o fato da vida. Entre o são e o adoentado há um enorme precipício, um silêncio quase necessário, onde os limites do conhecimento oscilam.

O adoentado nunca pode utilizar as regras de comportamento preparadas para as pessoas saudáveis e sãs, mesmo se eles usarem muletas. Eles não podem se apressar para o escritório. Eles não podem comer as refeições disponíveis. Eles não podem ir à biblioteca quando suas peles sangram, ou quando suas células vermelhas estão em prantos. Eles não podem sequer correr uma meia maratona ou pular corda. E se seus pés não aguentarem? Eles devem enfrentar dificuldades para satisfazer os mais altos padrões éticos estabelecidos pela polícia-não-ficcional, porque a história da doença não é romântica ou essencialmente feliz e assim eles talvez tenham que mentir ou escrever sobre qualquer outra coisa que se pareça com uma mentira. Eles querem ser felizes e possuem todas as razões para sê-lo.

Havia, de fato, quatro chaminés, diz a mulher doente com linfoma. Eu estava lá, eu acho. Sim, minha memória está falhando. Eu me lembro de quatro sacos de veneno que demorou sete horas para decantar. Isso foi no primeiro dia e houve muitos outros dias intermináveis,

---

<sup>10</sup> Shoshana Felman e Dori Laub, “Bearing Witness, or the Vicissitudes of Listening” in *Testimony: Crises of Witnessing in Literature, Psychoanalysis, and History*. Londres: Routledge, Chapman and Hall, 1992: 57-74.

se me recordo corretamente agora. No entanto, eu estava sendo vigiada, não tive que roubar joias.

O que nós escolhemos para contar aos outros? Às vezes, nos equivocamos em termos de “fatos” científicos ou históricos. Às vezes, não nos equivocamos. Quem entre nós tem permissão para voltar para casa? Eu nem sempre ouço, eu acho, e, no entanto, eu frequentemente penso que sim.